

RECENSÕES

CALEIDOSCÓPIO

Michel Mathien (2007) *Les Journalistes – Histoire, Pratiques et Enjeux*. Paris: Ellipses Éditions, 268 pp

Carla Baptista

Este livro de Michel Mathien, professor de Ciências da Informação e da Comunicação na Universidade Robert Schuman, em Estrasburgo, completa e actualiza uma edição anterior – *Les Journalistes*, Paris, PUF, 1995 – e confirma o autor como um dos grandes especialistas internacionais da pesquisa sobre a evolução da identidade profissional deste grupo.

As questões novas emergentes neste volume prendem-se, fundamentalmente, com as transformações sofridas pelo campo jornalístico devido à globalização e aos novos usos das tecnologias da informação que modificaram, por vezes drasticamente, as condições de exercício da profissão dentro das empresas mediáticas.

O grupo profissional dos jornalistas retira a sua legitimidade simbólica do facto de lhes serem colectivamente reconhecidas funções sociais dentro de um sistema definido como democracia representativa. Enquanto “profissionais dos ofícios centrados sobre a produção, difusão e distribuição de informação pública destinada aos cidadãos” cimentaram historicamente um consenso de que são importantes para a definição de um ideal político em permanente construção. Num contexto de uma sociedade de informação e de alargamento das fronteiras da comunicação, os jornalistas correm o risco de ver ruir os diques que tão laboriosamente ergueram para defender o “seu” território da intromissão de outros agentes contra quem sempre disputaram o centro (e as margens) do seu ofício.

Michel Mathien discute as formas pelas quais o jornalismo é interpelado hoje pelas mutações do universo comunicacional contemporâneo. Uma destriça importante consiste em

separar aquilo que releva do jornalismo daquilo que resulta dos media. Esta operação é delicada e obriga a uma pensamento “descritivo e transversal”, como anuncia o autor. Por um lado, a profissão de jornalista foi-se historicamente demarcando ao cavar uma oposição contra “os amadores, os benévolos, os políticos e os comerciantes”. Mas, por outro, foi a própria evolução das tecnologias, ao diminuírem a distância e o tempo, que forçou a retórica jornalística e desinteressar-se da oposição entre o *próximo* e o *distante* e a valorizar o presente e o instante, o *aqui* e *agora*.

A discussão torna-se ainda mais densa quando comparamos o jornalismo com outras profissões. Enquanto para a maioria dos ofícios, a evolução tecnológica representou uma oportunidade de especialização e propiciou ainda maiores ganhos simbólicos e materiais (veja-se o caso dos médicos, por exemplo), os jornalistas nunca viram tão questionadas as suas práticas, ao ponto de se ter mesmo criado aquilo que Mathien chama “o mito de todos jornalistas”.

Socorre-se de Francis Balle (*Et si la presse n’existait pas...*, Paris, Lattès, 1987) para explicar a permanente resistência das sociedades em assumir plenamente a profissionalização do jornalismo – na maioria dos países a entrada na profissão não obriga à posse de nenhum título académico nem à prova da posse de competências específicas e a regulação deontológica faz-se na base da adesão voluntária aos códigos existentes: “É porque as democracias liberais nunca reconheceram aos jornalistas a exclusividade da liberdade de palavra que sempre recusaram a sua profissionalização, à semelhança da medicina” (p. 19).

Do segundo ao sexto capítulo o livro de Michel Mathien é talvez excessivamente centrado no caso francês, traçando a evolução do jornalismo naquele país, desde a primeira *Gazette*, fundada em 1631 por aquele que os

RECENSÕES

CALEIDOSCÓPIO

manuais de história costumam referir como o primeiro jornalista: Théophraste Renaudot.

O olhar enriquecido pela perspectiva histórica acrescenta muitas vezes dimensões surpreendentes e, neste caso, Renaudot foi tanto o primeiro jornalista organizado como o primeiro comercial encartado, já que a sua *Gazette* tanto publicava pequenas notícias oriundas de várias cidades francesas e da Corte, como publicava anúncios sobre ofertas de trabalho, serviços e produtos. O jornal, de quatro páginas e regularidade semanal, promovia ainda a divulgação da obra social de Renaudot que, sendo médico (mais tarde foi mesmo nomeado médico de Louis XIII) dava consultas gratuitas e dedicava-se a uma obra filantrópica de ajuda aos pobres.

É no sétimo e último capítulo que o livro recupera a dimensão ensaística do início, ao situar a profissão dentro das suas balizas actuais – por um lado, uma legitimidade construída também na base de um questionamento ético (que levou ao nascimento dos primeiros códigos deontológicos, em 1918 e a uma intransigente defesa de valores como a verdade, a justiça e o bem comum); por outro, a constatação de que essa fonte originária onde parecia repousar a razão de ser da profissão está cada vez mais seca e é cada vez menos frequentada.

Mathien refere-se à proverbial independência do jornalista (que funda a ideia de um relato sintético e objectivo de factos verdadeiros) como um “mito dinâmico persistente”, não no sentido de constituir uma crença infundada sobre uma realidade tangível mas, justamente, como motor e manifestação de um certo projecto social e político. Ora, é justamente este projecto que está em crise. Os destinatários das mensagens jornalísticas já não podem ser genericamente aglutinados sob a designação de cidadãos; dividiram-se numa panóplia de outras categorias, incluindo a de

espectadores, consumidores e, também, muitas vezes produtores da informação.

A discussão presente sobre a hipotética regulação futura dos conteúdos jornalísticos também não parece muito promissora. As resoluções sobre o problema vão-se acumulando ao mesmo tempo que, por todo o lado, subsiste a esperança optimista de que o modelo da “liberdade enquadrada” vá funcionando sem grandes derivas.

Não surpreende, por isso, que, na conclusão deste volume, o autor faça um regresso ao básico, isto é, ao próprio jornalista. E, se, sobretudo em França, Mathien fale de um “mal-entendido” crónico que *idealizou* o jornalista como um profissional liberal – quando a liberalidade sempre foi, como em todo o lado, sancionada por múltiplos constrangimentos práticos e empresariais – este equívoco acabou por cimentar uma cultura profissional de resistência contra certas evoluções mercantilistas da oferta mediática. Portanto, acrescenta Mathien, “é um mal-entendido que tem a sua força”. E, em tempos difíceis, é preciso “fazer das fraquezas forças”, como diz o povo...